

O menino que caiu no buraco

Ivan Jaf



Temas Força de vontade; Comportamento; Família

GUIA DE LEITURA PARA O PROFESSOR



Série Laranja nº 2
120 páginas



O livro conta a história de um garoto cuja família está passando por graves dificuldades econômicas, pois seu pai, marceneiro, há um ano não consegue levantar da cama. Desde então, a família sobrevive graças ao esforço da mãe. Certo dia, a caminho da escola, o garoto desvia de seu trajeto e, distraído, cai em um profundo buraco. Apavorado, tenta descobrir uma maneira de sair do poço. Seus temores aumentam durante a noite, quando sombras e ruídos tomam conta do local. Para sair dessa situação, só mesmo com muita força de vontade.

O AUTOR Ivan Jaf nasceu no Rio de Janeiro, em 1957, onde vive até hoje. Já publicou mais de 20 livros de ficção voltados para o público infantil e juvenil. Muitos têm como tema a história do Brasil. Além de escritor, ele é fotógrafo e trabalha como roteirista de histórias em quadrinhos. Já adaptou diversos livros para o teatro, entre eles, *O outono do patriarca*, de Gabriel García Márquez, e seu roteiro de cinema, *Maleita*, foi premiado em 1998 pelo *Sundance Institute*, dos Estados Unidos.

OS ILUSTRADORES Cris Eich nasceu em Mogi das Cruzes (SP), em 1965. Já trabalhou com propaganda, história em quadrinhos, jornal, revistas e desenho animado. Jean-Claude nasceu no Rio de Janeiro, em 1965, e viveu até a adolescência na França. Trabalhou com publicidade e fez caricaturas para o *Jornal da Tarde* e o *Zero Hora*. Os dois trabalham em conjunto fazendo ilustrações de livros infanto-juvenis. Entre as obras que ilustraram, destaca-se *Yakima, o menino-onça*, de Assis Brasil.



Mergulhando na temática

DENOTAÇÃO E CONOTAÇÃO

As palavras não têm um sentido único que está no dicionário. Dependendo de como são empregadas ou do contexto em que aparecem, podem assumir sentidos diferentes daqueles que têm inicialmente. Por exemplo, estar no fundo do poço pode ser uma experiência real, em que poço é poço mesmo. Mas a expressão pode ter outros sentidos. Estar no fundo do poço pode significar estar deprimido, estar com dificuldades extremas, estar muito abatido ou nas profundezas de alguma doença. Nos textos literários, muitas vezes as palavras são usadas em sentido conotativo, isto é, num sentido diferente do registrado nos dicionários. Para resumir, pode-se dizer que, utilizadas em sentido denotativo, as palavras têm significação restrita, objetiva e precisa; utilizadas em sentido conotativo, apresentam significação mais ampla, rica de significados que devem ser interpretados em relação ao contexto em que se apresentam. Nesta história, tanto o pai como o filho ficaram no fundo do poço: cada um à sua maneira e por uma razão diferente. A conotação é, por muitos, também chamada de metáfora.

A DEPRESSÃO

É um processo psíquico que afeta muitas pessoas. Hoje se sabe que a depressão independe do sexo das pessoas, de classes sociais ou de fatores externos, embora possa iniciar-se por causa de alguns deles, como perda do emprego, morte de um ente querido etc. Dizem os médicos que a depressão está ligada a um

INTERPRETANDO O TEXTO

UMA EXPERIÊNCIA RADICAL

O livro narra a história de um menino de 13 anos que, ao ir para a escola numa manhã comum, afasta-se do caminho habitual, distrai-se e cai dentro de um poço abandonado. Sozinho e isolado, ele tem de criar alternativas para sobreviver naquela situação extrema. Durante os três dias em que fica confinado dentro do buraco, é obrigado a rever seus valores, redimensionando sua relação com os pais, com os amigos, com a vida. Ou seja, estar no fundo do buraco é um problema real para o menino superar, mas a expressão **denotativa** funcionará também como **conotação** para problemas existenciais com que o garoto e seu pai têm de lidar.

Depois de exercitar toda a sua força e coragem, de experimentar a fome, a sede, o frio e o medo, o menino consegue finalmente sair do buraco. Ao retornar a seus familiares, reencontra o pai — que há um ano estava em **depressão** — recomposto e cheio de vida. “Quando você sumiu, descobri que a gente não tem o direito de desistir” (p. 103), diz o pai emocionado ao filho vitorioso. E os dois, mais próximos do que nunca, combinam de resgatar as ferramentas do buraco para reiniciar as atividades da marcenaria.

Pela natureza das questões que aborda — valores morais e sociais e o relacionamento com os pais —, a leitura de *O menino que caiu no buraco* favorece uma reflexão sobre o comportamento humano. Ao tratar de um episódio transformador na vida de um adolescente — sua queda num buraco —, a narrativa leva a pensar na importância e na necessidade de se viver uma experiência radical para redimensionar valores e modificar o olhar diante do mundo e assim, amadurecer.

Narrada em terceira pessoa, a história oferece principalmente a percepção do menino sobre os fatos. Assim, o leitor pode acompanhar a transformação de seu olhar sobre a vida e o mundo, olhar esse que vai paulatinamente se tornando mais generoso e complacente. As características iniciais da personalidade do menino (desanimado, culpado), de seus pais (o sofrimento e o trabalho incansável da mãe, o silêncio do pai) e do espaço onde se passa a história (rural, carente de recursos) são dados importantes que podem aproximar da realidade dos alunos a realidade vivida pela personagem. Esses paralelos, quando houver, possibilitam a identificação de cada leitor com o universo narrado. Se a realidade dos leitores for muito diferente, por contraste, podem estes refletir sobre a vida vivida por outras classes sociais.

*Os **destaques** remetem ao item *Mergulhando na temática*.



comportamento químico do cérebro, sendo, portanto, uma doença também física, e assim deve ser tratada. Jamais, para os médicos, a depressão é doença de quem não tem o que fazer. A depressão causa profunda tristeza nas pessoas, que não conseguem rir, por exemplo; em casos graves, elas não conseguem trabalhar ou estudar, porque não conseguem nem sequer sair da cama, como o pai do menino. Além de pesquisas na internet, é possível fazer entrevistas com especialistas no assunto: psicólogos, psiquiatras e psicanalistas podem ajudar a compreender melhor essa questão médica, que afeta também jovens.

Sugestão de site sobre depressão:

www.mentalhelp.com/depressao.htm



No conjunto da obra, vários temas se destacam. Podem-se levantar alguns, sob forma de perguntas aos leitores, que estão estreitamente relacionados a aspectos temáticos e da construção da narrativa.

- *Qual o papel da natureza na vida humana?*

No início da história, o menino diz que “a natureza não podia ficar prestando atenção à vida das pessoas” (p. 7). Em contrapartida, foi ele quem prestou atenção à natureza, primeiro perseguindo a borboleta azul e o bicho peludo e, depois, dentro do buraco, usufruindo do sol e da água para sobreviver. Por fim, observando as estrelas à noite, passou a pensar que, se elas estavam no céu durante o dia e ele não podia vê-las, talvez houvesse muitas outras coisas no mundo que existiam e ele também não podia ver (p. 44). Descobrir como a realidade é complexa e como há coisas e fatos que existem, mesmo se deles nada se souber, é um aprendizado que o garoto obtém através do contato com a natureza. Pode-se perguntar aos leitores: e nós, será que estamos suficientemente próximos da natureza para aprender com ela? O que ela, a natureza, nos ensina?

- *São as pessoas que criam seus próprios monstros?*

O animal peludo que vinha toda noite à beira do buraco era mesmo um lobisomem? A partir da p. 37, há o relato de uma espécie de duelo entre o menino e o monstro, como se a força de cada um estivesse em choque. No final, o menino vence, já que a fera resolve ir embora. Pode-se refletir com os leitores: será que o bicho existe de verdade ou é fruto da imaginação medrosa do menino? Será que muitas vezes não criamos nossos próprios monstros, aumentando ou distorcendo obstáculos que temos de enfrentar? Qual seria a melhor maneira de enfrentar os desafios, o desconhecido que está dentro de nós?

- *O que os mais velhos têm a ensinar? Os mais velhos podem aprender com os mais novos?*

Sem dúvida alguma, a figura do pai do menino é fundamental para ele sair do buraco. A memória que o filho tem de sua dedicação ao trabalho funciona como estímulo para que ele não desista de lutar, assim como ensinamentos práticos ajudam em sua sobrevivência. Pode-se lembrar aos alunos que a transmissão da sabedoria dos mais velhos para os mais novos é muito comum em sociedades tradicionais, como as africanas ou indígenas, por

exemplo (um desses exemplos está no belo poema de Gonçalves Dias, I-Juca-Pirama). Deve-se refletir se, na sociedade, os mais jovens se interessam pelos ensinamentos dos mais velhos. Por outro lado, será que os conselhos dos pais e dos professores são realmente bons? E os adultos têm capacidade de aprender com os jovens?

- *É importante ter autocontrole?*

O menino precisou de muito autocontrole para enfrentar o desafio de sobreviver dentro do buraco. Pode-se pensar: o que é autocontrole? De onde a personagem tira forças para suportar as adversidades? Em que momentos seu equilíbrio é importante? Na vida diária, quando o autodomínio é necessário? Quando se perde o controle das situações?

- *As pessoas valem mais pelo que têm ou pelo que são?*

Quando sai do buraco, o menino está quase nu e sem nada, mas alegre, pois “o mundo parecia maior, mais interessante, fácil de vencer” (p. 98). Pode-se investigar: qual foi a real transformação vivida pelo menino durante sua experiência dentro do buraco? O que significa para ele queimar seus lápis de cor? E nós, sentimos vergonha de nossa aparência ou das coisas que temos? Como tratamos as pessoas que são diferentes de nós? Temos preconceito contra aqueles que têm menos que nós? Quais são os valores que orientam a nossa vida?

- *Será que se aprende com as experiências próprias?*

Pode-se pedir aos alunos que reflitam: todos passamos por períodos difíceis, enfrentando problemas que muitas vezes parecem sem solução. O menino da história transformou-se depois da experiência dentro do buraco. E nós, somos capazes de aprender com nossas experiências? Que situações difíceis já vivemos e como elas nos modificaram?



DIALOGANDO COM OS ALUNOS

ANTES DA LEITURA

É importante aguçar a curiosidade dos alunos, explorando sua sensibilidade e capacidade de reflexão, através de uma discussão sobre o título: quais os sentidos possíveis de *cair num buraco*? Curiosidade? Desatenção? Falta de perspectiva? O que é preciso fazer para *sair do buraco*? Sugere-se uma problematização sobre o sentido conotativo da expressão *cair num buraco*, uma metáfora geralmente usada para designar depressão, que bem poderia ser uma alternativa de leitura do título.

DURANTE A LEITURA

O primeiro capítulo, “A borboleta azul”, pode ser lido em voz alta para a classe. Ele antecede a experiência vivida pelo menino dentro do buraco e oferece chaves importantes para a compreensão de todo o texto. Como termina com um gancho — a queda do menino —, pode funcionar como isca para a continuidade da leitura individual.

Pode-se combinar com a turma uma pausa conjunta ao final do cap. 7. Nesse momento, muitos dados sobre o menino e sua situação já são conhecidos, e seria interessante que os alunos sugerissem finais prováveis para a história. A última frase do cap. 7 é: “Foi aí que descobriu como sair do buraco”. A descoberta do menino e o sucesso ou insucesso do seu plano podem ser imaginados pelos alunos. É importante discutir as hipóteses, levantadas individualmente ou em grupos.

É ainda possível discutir a conduta do menino dentro do buraco e a eficácia de suas ações. Alternando momentos de angústia e desespero com outros de tranquilidade e confiança, o garoto consegue colocar em prática ações importantes para sua sobrevivência. Pode-se fazer um levantamento dessas ações, destacando-se a importância da mãe na formação dele (“Se a mãe visse como estava deixando tudo arrumado ia ficar satisfeita”, p. 33) e principalmente do pai, que funciona como modelo e estímulo para o garoto.

DEPOIS DA LEITURA

Pelo comportamento do pai, há um ano isolado e inativo, deduz-se que ele sofre de depressão. No final da história, ele diz ao filho: “Eu vi o lado ruim das coisas, filho. O lado que faz a pessoa desistir” (p. 103). Sugere-se discutir: o que é a depressão? Qual é a diferença entre tristeza e depressão? Quais são suas causas mais comuns entre os jovens? É possível evitá-la?

Pode-se pedir aos alunos que pesquisem, em jornais, revistas e em propagandas de televisão, qual é a imagem dos jovens vei-



culada pela mídia. A propaganda, na sociedade atual, valoriza quais aspectos da juventude? A partir de algumas delas, pode-se pedir aos alunos que façam críticas à possível massificação dessa imagem.

Em parceria com os professores de História e/ou Geografia, pode-se pesquisar sobre as transformações do trabalho e da produção na sociedade atual. A manufatura (associada no texto ao silêncio) foi substituída pela indústria (associada ao barulho). Quais as conseqüências econômicas e sociais dessas mudanças? Qual é o impacto da informatização na indústria? Como compreender o desemprego nessa nova realidade?

É possível compor canções — letra e melodia — a partir da narrativa. Se o viés for lírico, uma canção delicada pode falar da aprendizagem do menino e de sua reaproximação com o pai; mas se a perspectiva for mais direta e combativa é possível até compor um *rap* do menino que caiu, a partir do drama vivido pelo protagonista. Executadas só com vozes ou acompanhadas por instrumentos (violão, percussão etc.), as canções podem ser apresentadas para toda a escola.

Em parceria com o professor de Artes, pode-se propor a elaboração de uma história em quadrinhos focalizando as principais ações da narrativa. É importante escolher quais cenas serão registradas e, por isso, fazer um plano é fundamental. Uma idéia é escolher os momentos mais importantes de cada um dos dez capítulos em que o livro é dividido.

“Têm frases que servem mais do que ferramentas”. Com essa idéia, o pai justificava as frases que dizia e colava nas paredes da marcenaria (“O silêncio é primeiro um problema, depois uma solução”, “Quem só precisa do necessário, tem sempre o suficiente”). Essas frases deram forças para o menino. Pode-se pedir aos leitores para criarem ou compilarem frases que expressem opiniões sobre aspectos da realidade ou ensinamentos sobre a vida. É possível também pedir a outras pessoas que colaborem com sugestões. No final, as frases podem ser fixadas nas paredes da sala de aula.

